



A GESTÃO DO CONHECIMENTO EM ASSOCIAÇÕES DE RENDEIRAS: ESTUDO DE CASO DA ASDEREN

The management of knowledge in yield associations:

A case study of asderen

Albani, Márcio Monticelli; Esp.; Universidade do Estado de Santa Catarina
monticellimarcio@yahoo.com.br¹

Dalbo, Isabela; Esp.; Universidade do Estado de Santa Catarina
isabela.dalbo@gmail.com²

Silveira, Icléia; Dra.; Universidade do Estado de Santa Catarina,³
icleiasilveira@gmail.com

Seibel, Silene; Dra.; Universidade do Estado de Santa Catarina, silene@silene.com.br⁴

Resumo: A partir dos conceitos de gestão do conhecimento e artesanato a presente pesquisa objetiva investigar se existe aplicação da gestão do conhecimento na preservação da Renda Irlandesa da cidade de Divina Pastora, no estado do Sergipe e como essa gestão é feita. Através do estudo foi possível construir um diagnóstico sobre a aplicação da gestão do conhecimento em associações de rendeiras e propor novas alternativas a partir deste contexto.

Palavras chave: Gestão do conhecimento; renda irlandesa; associação.

Abstract: From the concepts of knowledge management and craftsmanship the present research aims to investigate if there is application of knowledge management in the preservation of the Irish Income of the city of Divina Pastora, in the state of Sergipe and how this management is done. Through the study it was possible to construct a diagnosis about the application of the knowledge management in rendeiras associations and to propose new alternatives from this context.

Keywords: Knowledge management; Irish income; Association.

Introdução

¹ Esp. em Modelagem do Vestuário pela Universidade Feevale; Graduado em Artes Visuais pela UFRGS e em Design de Moda UDESC; Mestrando em Design do Vestuário e Moda pela UDESC

² Esp. Em Moda: Gestão e Marketing pelo Senac; Graduada em Design de Moda UNISUL; Mestranda em Design do Vestuário e Moda pela UDESC

³ Dra. em Design pela PUC-RIO; Mestre em Engenharia de Produção UFSC; Especialista em Moda pela UDESC.

⁴ Dra. Em Engenharia da Produção UFSC.



A teoria da gestão do conhecimento tem como princípio fundamental a recuperação, o registro, o compartilhamento, a disseminação, a utilização e a integração do conhecimento presente nas organizações. Nonaka e Takeuchi (2008) destacam que o conhecimento tácito é o conhecimento pessoal, que é difícil formalizar ou comunicar a outros. É constituído do *know-how* subjetivo, dos *insights* e intuições que uma pessoa tem depois de estar imersa numa atividade por um longo período de tempo. Nesse sentido, torna-se considerável o desenvolvimento de estratégias voltadas para a gestão do conhecimento no contexto de uma organização, como é o caso, por exemplo, de uma associação de rendeiras, que vise estimular as artesãs, para que sejam capazes de registrar seus conhecimentos e compartilhar, quando for necessário com outros interessados. Ressalta-se que, para que a gestão do conhecimento seja colocada em prática em associações de artesanato, torna-se imprescindível o envolvimento da administração e de todos os artesãos que fazem parte da instituição. Para tanto, torna-se necessário desenvolver nesse contexto de trabalho uma cultura organizacional que valorize o processo de registro do conhecimento e o seu compartilhamento. Por isso, é possível pensar a teoria da gestão do conhecimento, em que o conhecimento tácito (modos de fazer específicos dos artesãos) possa se traduzir em conhecimento explícito (codificado em fórmulas, regras, especificações descritas, e assim por diante), por meio de um modelo de registro dos conhecimentos.

O artesanato pode ser entendido como uma atividade produtiva que dá origem a objetos acabados, feitos de forma manual ou com apoio de meios tradicionais ou rudimentares. Na confecção desses objetos exploram-se habilidades do artesão: por um lado a criatividade e por outro a fidelidade na aplicação da técnica tradicional. Por respeitar o modo de fazer historicamente desenvolvido o artesanato se torna uma importante expressão da cultura de um povo. O Brasil é muito rico em representações da cultura popular através do fazer artesanal, dentre elas destaca-se a confecção de rendas manuais na criação de peças para o lar e atualmente a aplicação em itens de vestuário.



A renda irlandesa apresenta-se como expressão artesanal do Estado do Sergipe e se insere em contextos sociais específicos, carregando marcas históricas de uma sociedade e apresentando técnicas, pontos e modelos que estão se perdendo diante de novas realidades e valores advindos do processo de globalização. Por isso a gestão do conhecimento torna-se uma ferramenta importante no estudo desse artesanato e na construção de uma metodologia para seu registro e preservação.

Diante desta realidade o presente estudo objetiva investigar se existe aplicação da gestão do conhecimento na preservação da Renda Irlandesa da cidade de Divina Pastora, no estado do Sergipe e como essa gestão é feita. Serão utilizadas como bases teóricas na investigação, os estudos sobre gestão do conhecimento de Nonaka e Takeuchi, Probst, Raub e Romhardt e Silveira, assim como Polanyi para contextualizar o conhecimento tácito. Quanto às teorias do artesanato, agregaram-se os estudos de Canclini e Sennett. As publicações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) embasarão o conhecimento do contexto da produção da Renda Irlandesa. Na concretização deste estudo será utilizada como metodologia: quanto ao problema, a pesquisa qualitativa; no que se refere aos objetivos aplicou-se a pesquisa exploratória para familiarizar-se com o problema e obter um diagnóstico do contexto atual, e do ponto de vista dos procedimentos técnicos, constitui-se de pesquisa bibliográfica. Considera-se também um estudo de caso, por analisar uma dada realidade que pode ser aplicada em outro contexto.

Justifica-se a pesquisa pela importância de se conhecer e identificar as formas de preservação desses artefatos artesanais e fortalecer as entidades que trabalham pela sua preservação, divulgando o trabalho realizado por elas. Através do conhecimento da realidade da associação visitada por esse autor, foi possível traçar um perfil dessas entidades, o que contribui para a reflexão sobre seu papel e influência na sociedade de que fazem parte, como também, podem ser pensadas novas alternativas a partir dos desafios identificados.



O presente estudo também tem sua importância relacionada ao diálogo estabelecido entre realidades concretas muito afastadas dos grandes centros com as teorias acerca do artesanato e da gestão do conhecimento, permitindo analisar como se efetivam na prática, as formas de preservação e disseminação do conhecimento.

A gestão do conhecimento

Na sociedade da informação e diante das consequências da globalização entende-se que o conhecimento, sua criação e gestão tornaram-se as ferramentas fundamentais no desenvolvimento e sucesso das organizações, sendo assim as empresas estão melhores capacitadas quando conseguem identificar, avaliar e solucionar novos problemas. Esse conceito também pode ser aplicado aos contextos culturais, onde as mudanças incessantes e rápidas transformam as tradições e existe a preocupação com a perda de representações originais da cultura popular. Por isso a teoria apresentada na sequência trata da gestão do conhecimento no ambiente das organizações, mas seus conceitos podem ser aplicados ao contexto das entidades que trabalham com o artesanato e buscam gerenciar o capital intelectual dos artesãos.

Para Rossatto (2002), a gestão do conhecimento é um processo estratégico, contínuo e dinâmico que busca gerir o capital intangível da empresa e todos os pontos estratégicos a ele relacionados que podem estimular ou se converter em conhecimento, por isso ela deve fazer parte da estratégia organizacional e perpassar todos os seus setores.

De acordo com Terra (2005), a gestão do conhecimento necessita de novos modelos empresariais no que diz respeito a estruturas, processos e sistemas gerenciais. É necessário que se pense na capacidade intelectual de cada funcionário de uma outra forma, através de uma efetiva liderança disposta a enfrentar as barreiras referentes ao processo de transformação. O autor define a gestão do conhecimento como:

[...] a capacidade das empresas em utilizarem e combinarem as várias fontes e tipos de conhecimento organizacional para desenvolverem competências específicas e capacidades inovadoras, que se traduzem, permanentemente, em novos produtos, processos, sistemas gerenciais e liderança de mercado (TERRA, 2005. p. 70).



Percebe-se que pela gestão do conhecimento a organização deve estar atenta a todas as fontes de geração de conhecimento, para através destas desenvolver novas competências e capacidades nos seus colaboradores e na forma de pensar a gestão da empresa. Essas novas competências, por sua vez, se traduzem em novos processos, formas inovadoras de gerência e trazendo assim maior competitividade no mercado.

Silveira (2011) cita os autores Polanyi (1966) e Sveiby (1998) que propõem a classificação de duas variedades básicas de conhecimento: o tácito e o explícito. Para NONAKA e TAKEUCHI (1997, p. 65). ‘O conhecimento tácito é pessoal, específico ao contexto e, assim, difícil de ser formulado e comunicado. Já o conhecimento explícito ou “codificado” refere-se ao conhecimento transmissível em linguagem formal e sistemática.’ Os mesmos autores afirmam ainda, que o conhecimento explícito pode ser expresso em palavras e números e facilmente compartilhado sob a forma de dados, fórmulas científicas e procedimentos ou princípios universais. Enquanto o conhecimento tácito tem um caráter prioritariamente subjetivo, focado na experiência do corpo, de modo simultâneo e relacionado à prática do fazer; o conhecimento explícito se liga à racionalidade, de forma sequencial, organizada e com foco na teoria.

De acordo com SILVEIRA (2011, p. 50) ‘...define-se conhecimento tácito como sendo aquele que está na mente e nas ações práticas das pessoas, podendo aumentar ou ser adquirido no dia a dia e que, muitas vezes, não é registrado, porque é algo naturalmente aprendido na realização de uma tarefa.’ Nas dimensões sociais e culturais, é muito complexo o registro dessas formas de conhecimento que estão muito ligadas à prática do fazer, como por exemplo, técnicas milenares artesanais.

No entanto, de acordo com Silveira (2017), o conhecimento é estabelecido numa relação dialética, pois ele não é somente explícito ou tácito, as duas formas se complementam e se interpenetram. ‘Isto significa que existe algum conhecimento explícito em cada conhecimento tácito e algum conhecimento tácito em todo conhecimento explícito’ (SILVEIRA, 2017, p.49).



Silveira (2011), coloca que a teoria de criação do conhecimento desenvolvida por Nonaka e Takeuchi (1997) tem a epistemologia como pedra fundamental para fazer distinção entre o conhecimento tácito e explícito e que a conversão destes conhecimentos é a base para a ampliação e criação de novos conhecimentos. De acordo com esses autores o conteúdo do conhecimento interage entre si em um processo em espiral que sempre começa no indivíduo. Para isso eles criaram um modelo de conversão do conhecimento chamado SECI (Socialização, Externalização, Combinação e Internalização). Esses quatro modos de conversão se constituem como relações entre indivíduos, grupos e organizações e estabelecem trocas de conhecimento tácito e explícito.

Socialização: Conhecimento tácito em tácito, de indivíduo para indivíduo.

Externalização: Conhecimento tácito para explícito e de indivíduo para o grupo. Ao se tornar explícito o conhecimento é codificado, permitindo seu acesso e compreensão a todos.

Combinação: De conhecimento explícito em explícito e do grupo para a organização. Consiste na conversão do conhecimento explícito em novos e mais complexos conjuntos de conhecimentos.

Internalização: De conhecimento explícito em tácito e da organização para o indivíduo. Consiste na incorporação de um conhecimento explícito de modo tácito.

A partir da compreensão das relações e diferenças entre o conhecimento tácito e explícito e as possibilidades de geração de novos conhecimentos através dos modos de conversão é preciso conhecer o contexto da produção artesanal e o objeto de estudo desta pesquisa que é a Renda Irlandesa produzida na cidade de Divina Pastora, no estado do Sergipe.

O artesanato em Renda Irlandesa

Ao pensar no conceito de artesanato percebe-se que há uma relação com os aspectos de criação, inerentes à arte, mas conserva características de fidelidade a uma técnica manual, que foi aprendida e passada por gerações, inserindo assim os objetos



numa tradição histórica e cultural. Neste sentido a publicação Base Conceitual do Artesanato Brasileiro traz o conceito de artesanato:

Compreende toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (possui valor simbólico e identidade cultural), podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios. (PROGRAMA DO ARTESANATO BRASILEIRO, 2012, p. 1).

Por meio do conceito entende-se a característica da plasticidade manual do objeto artesanal como predominante, e que a criatividade é aliada a uma habilidade de valor cultural, ou seja, o artesão coloca sua expressão pessoal através da utilização de uma técnica aprendida dentro de um certo núcleo cultural.

De acordo com o Termo de Referência Atuação do Sistema Sebrae no Artesanato (2010), as rendas manuais, objeto desta pesquisa, se inserem no contexto de artesanato tradicional, pois ele se conceitua como:

Conjunto de artefatos mais expressivos da cultura de um determinado grupo, representativo de suas tradições, porém incorporados à sua vida cotidiana. Sua produção é, em geral, de origem familiar ou de pequenos grupos vizinhos, o que possibilita e favorece a transferência de conhecimentos sobre técnicas, processos e desenhos originais. Sua importância e seu valor cultural decorrem do fato de ser depositária de um passado, de acompanhar histórias transmitidas de geração em geração, de fazer parte integrante e indissociável dos usos e costumes de um determinado grupo (MASCÊNE; TEDESCHI, 2010, p.14).

Em relação ao artesanato tradicional o mesmo documento ainda coloca que ele deve ter como principal estratégia a identificação, a preservação e a promoção dos produtos, colocando em destaque suas raízes e sua história. Para agregar valor deve se contar com um sistema de selos de procedência, etiquetas de contextualização cultural, embalagens exclusivas e pontos de venda bem definidos.

Os produtos considerados artesanais, além das funções utilitárias e estéticas carregam um forte significado ligado à cultura de onde eles provêm, isso porque os modos de fazer, os materiais e as relações sociais inseridas nesse contexto, se estabeleceram historicamente e com isso o produto conta muito mais que sua aparência.



As rendas manuais se constituem como uma das maiores representações do artesanato brasileiro e sua produção está intimamente relacionada aos conceitos de artesanato como identidade cultural de um lugar, expressão da visão estética e de mundo das artesãs e se coloca como alternativa ao mercado industrial. A Renda Irlandesa, objeto deste estudo, tem a cidade de Divina Pastora como indicação geográfica de sua maior representação.

Divina Pastora, cidade localizada no Vale do Cotinguiba, a 39 km de Aracajú, no Estado do Sergipe é a principal região produtora da Renda Irlandesa.

Melo e Silva (2014) afirmam que este artefato se caracteriza como tipo de renda de agulha, semelhante à Renascença, mas diferencia-se pela adoção pelas rendeiras de Divina Pastora de um cordão liso, levemente achatado e sedoso, conhecido como lacê, também chamado de lacê princesa, usado na confecção de jabôs, golas, punhos e flores. Esse aviamento conferiu à Renda Irlandesa uma identidade singular.

De acordo com Maia (1981), as origens desta renda remontam à Europa, vinculando-se aos centros rendíferos do Velho Mundo, que sob os ventos renovadores da Revolução Industrial, encontraram abrigo em conventos da Irlanda, derivando daí, possivelmente seu nome. Essa modalidade de renda chegou à Divina Pastora, provavelmente no início do século XX com o declínio da atividade açucareira e com o ensino de técnicas artesanais por freiras vindas da Europa.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2014) explica de forma sucinta a execução da técnica, colocando que o produto desse fazer artesanal é uma renda de agulha que tem como elemento de suporte o lacê, um cordão industrializado, que se apresenta de várias formas. O fio brilhoso é fixado a um debuxo, ou risco de desenho, traçado em papel manteiga e superposto a um papel grosso, normalmente pardo, preso a uma almofada. O risco é uma espécie de gabarito a ser seguido e apresenta espaços vazios que são preenchidos pela artesã com diversos pontos executados com fios de linha. Estes pontos são bordados, formando a trama da renda com motivos tradicionais, que são reproduzidos e recriados continuamente pelas rendeiras, como observa-se na figura 1.



Figura 1: Detalhe da Renda Irlandesa



Fonte: IPHAN , 2014, p. 71

Sobre os tipos de pontos aplicados na Renda Irlandesa a publicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2014), afirma que existe um repertório grande de pontos, mas o número é indefinido, pois as rendeiras vão recriando novos pontos a partir de revistas e cursos.

Em 2000, foram enumeradas duas dezenas de pontos: *abacaxi, aranha, aranha de cestinha, aranha de meia-lua, aranha de parte, aranha redonda, aranhinha, barrete, boca de sapo, caseado, casinha de abelha, cocada, dente de jegue, de cão, espinha de peixe, ilhós, linha passada, pé de galinha, picote ou pico, redinha ou ponto, sianinha, tijolinho* (IPHAN, 2014, p. 84).

Nota-se que os nomes dos pontos conferem uma identidade única, relacionada com elementos da natureza e cultura local, o que faz com que esse tipo de artesanato receba características particulares e torne-se assim representativo de um contexto social. Os pontos mais utilizados pelas rendeiras são mostrados na figura 3.

Figura 2: Mostruário de Pontos da Renda Irlandesa





Fonte: IPHAN, 2014, p. 86

Elemento importante na confecção da Renda Irlandesa são os debuxos, desenhos feitos em papel manteiga que servem de base para a peça que será produzida.

A elaboração do debuxo é etapa essencial ao fazer da renda, é o momento de criação pela rendeira da peça que será produzida. Olhados de perto, os riscos que orientam os caminhos do lacê sobre o papel e que definem a feição e os contornos da renda vão se revelando o elemento estruturante para as relações que esse modo de fazer organiza e adensa (FIGUEIREDO; ZACCHI, 2013, p. 89).

Na figura 4 é mostrado um debuxo para pano de bandeja. O traçado do desenho é onde será aplicado o lacê e os espaços vazios são preenchidos por diferentes pontos da renda.

Figura 3: Debuxo para Pano de Bandeja



Fonte: FIGUEIREDO; ZACCHI, 2013, p. 109

Os debuxos são cobiçados pelas rendeiras e elas estão sempre buscando novos modelos. Esses desenhos são trocados entre as artesãs, vendidos e copiados. Cada novo debuxo é uma recriação de formas já aplicadas em outros e recombinação de elementos, o que imprime sentido de continuidade e transformação.

Desde os anos 1970 a Renda Irlandesa se firma como artesanato e objeto de ações governamentais, estando presente em feiras e eventos. A partir do ano 2000 é que as iniciativas de implantação de associações se solidificaram e foi criada a ASDEREN (Associação para o desenvolvimento da Renda Irlandesa de Divina Pastora).

A pesquisa realizada na ASDEREN, por meio do questionário semiestruturado buscou conhecer a associação e identificar o contexto de produção e se essa associação



aplica algum método de gestão do conhecimento para a preservação do artesanato. Diante dos resultados é possível estabelecer algumas reflexões e traçar possibilidades sobre os meios de preservação e disseminação desse importante conhecimento das rendeiras.

A gestão do conhecimento na ASDEREN (Associação para o desenvolvimento da Renda Irlandesa de Divina Pastora)

No ano de 2000 Divina Pastora foi incluída no Programa Artesanato Solidário do Conselho da Comunidade Solidária, desenvolvido pelo governo federal em parceria com diferentes entidades. Tratava-se de revitalizar o chamado artesanato de tradição, ligado a certo modo de vida local, como alternativa de renda para a comunidade.

Como parte da atuação do Artesanato Solidário foi criada em 2000 a ASDEREN (Associação para o Desenvolvimento da Renda Irlandesa de Divina Pastora). Através da associação foram criados novos canais de comercialização e em 2006 a associação, com apoio do governo estadual, inaugurou sua sede.

Por meio da superintendência do Iphan em Sergipe e com apoio da Prefeitura Municipal de Divina Pastora em 2009 a ASDEREN teve a Renda Irlandesa inscrita no livro dos saberes e tornou-se Patrimônio Cultural do Brasil o Modo de Fazer Renda Irlandesa tendo como referência o ofício em Divina Pastora.

Em dezembro de 2012 a denominação Divina Pastora foi reconhecida como Identificação Geográfica (IG) para renda de agulha e lacê, título concedido pelo Instituto Nacional de Propriedade Intelectual (INPI), que reconheceu a notoriedade e a reputação alcançada pelas artesãs do município, garantindo a estas o uso exclusivo do nome Divina Pastora para identificar os seus produtos em transações comerciais. A indicação Geográfica Divina Pastora para Renda de Agulha e Lacê foi concedida na categoria Indicação de Procedência (IP), tendo como titular a ASDEREN.

A pesquisa junto à ASDEREN foi realizada no mês de janeiro de 2018, sendo constituída de um questionário semiestruturado aplicado à presidente da associação e a um grupo de quatro rendeiras que estavam presentes na sede da associação naquela



oportunidade. O questionário envolveu perguntas relacionadas à implantação e organização da associação, modos de produção e comercialização, a preocupação com a preservação do fazer artesanal e a existência de ações que possam ser relacionadas à gestão do conhecimento.

O primeiro tema abordado foi a implantação e as formas de organização da entidade. De acordo com as entrevistas as rendeiras já se reuniam desde a década de 1980 de modo informal, mas a associação foi criada no ano de 2000 e sua sede construída em várias etapas. Tiveram dificuldades na implantação por falta de espírito coletivo. Até hoje tiveram 3 presidentes, sendo que a primeira ficou 13 anos. Possui cerca de 60 associadas, que pagam mensalidade de R\$ 5,00. Quanto ao contexto da implantação da associação percebe-se que de modo informal as rendeiras há muito tempo trabalhavam conceitos de gestão do conhecimento, pois no momento que se reuniam para trabalhar juntas havia o processo de socialização do conhecimento, em que uma rendeira transmitia seu conhecimento tácito a outra, através de explicações orais e demonstrações dos modos de fazer e novos pontos a serem aplicados.

Quanto ao funcionamento da sede, ela é utilizada para reuniões e como ponto de retirada de material, mas quase todas as rendeiras trabalham em casa. As peças menores são feitas por uma única rendeira, mas peças maiores são confeccionadas em partes por diferentes artesãs. As rendeiras pegam a linha e o risco, as vezes alinhavado, na sede, entregam o trabalho e quando a peça é vendida a associação paga à rendeira. Os preços são avaliados pela diretoria da associação de acordo com a quantidade de linha utilizada e os pontos aplicados. A comercialização se dá em feiras de vários estados, na loja física na sede da associação e por encomendas.

Nota-se através do exposto que a socialização do conhecimento também está presente na forma de organização do trabalho na associação, pois quando as rendeiras executam peças maiores elas são produzidas por mais de uma artesã e nessa negociação existe a produção de conhecimento pelas combinações feitas e trocas de experiências a fim de construir uma peça de boa qualidade e coesa.



Outro ponto a ser analisado na pesquisa é quanto à preocupação e às formas de preservação da técnica, desenvolvidas pela entidade, ou seja, se a associação desenvolve alguma forma sistematizada de gestão do conhecimento para o registro dos modos de fazer da Renda Irlandesa.

De acordo com as entrevistas a associação não possui um projeto específico para preservação da renda, mas incentiva para que o grupo não se desestimele. Não fazem a memória de ofício, que é um mostruário dos pontos aplicados pela associação e muito presente em entidades que trabalham com a Renda Renascença. Segundo as rendeiras, as meninas jovens não querem mais fazer renda e para preservar seria preciso criar mercados para comercialização. Não existe uma forma de registro dos pontos e técnicas na entidade, elas trabalham com modelos tradicionais, mas não possuem uma forma de registro própria. Quando querem ampliar seu conhecimento consultam livros e publicações e aprendem outros pontos com uma rendeira mestre.

É possível afirmar que, mesmo não apresentando uma forma sistematizada de gestão do conhecimento como método de preservação da técnica, as rendeiras aplicam, de modo informal, conceitos para a socialização e disseminação do conhecimento, pois no momento em que consultam alguns raros livros e publicações sobre a renda elas estão fazendo uma internalização, em que o conhecimento explícito dos livros se decodifica em conhecimento tácito nas suas práticas de trabalho, ou seja, ocorre a incorporação de um conhecimento explícito de modo tácito, pois a partir do momento em que um novo conhecimento passa a fazer parte da prática do trabalho de uma organização está ocorrendo esta conversão. Apesar de perceberem a necessidade, a entidade não possui projeto para preservação dos fazeres artesanais e ensino às novas gerações.

A entrevista também elencou questões referentes aos desafios e perspectivas para o futuro da entidade. As rendeiras colocaram que a maior parte das peças são para o lar, mas já tiveram projetos para trabalhar também com vestuário e que essa é uma das metas, pois hoje fazem alguns acessórios. O principal desafio é a produção do lacê, que é matéria prima essencial e apenas uma empresa no Brasil a produz. Necessitam também de uma



equipe para trabalhar com comércio digital e pretendem atingir mercados europeus e novas formas de comercialização, pois as vendas diminuíram muito nos últimos anos. Além disso manifestam a preocupação com a preservação da técnica e continuidade desse trabalho com o passar do tempo, o que revela a necessidade de desenvolvimento e aplicação de uma metodologia de gestão do conhecimento na instituição.

Considerações Finais

Considerando o objetivo geral deste estudo que trata de investigar a existência e aplicação da gestão do conhecimento na preservação da Renda Irlandesa da cidade de Divina Pastora e como essa gestão é feita, é possível estabelecer relações entre os fundamentos teóricos expostos sobre o artesanato em renda e os pressupostos da gestão do conhecimento com os dados encontrados nas entrevistas e visita à entidade.

O contexto de produção da ASDEREN revela diferentes elementos abordados pelos conceitos de artesanato: A renda confeccionada segue técnicas aprendidas na comunidade, seguindo uma tradição histórica e cultural. Durante as entrevistas foi possível perceber que as rendeiras aliam criatividade, habilidade e valor cultural, pois seguem um modo de fazer tradicional, mas inserem inovações como os tipos de peças, cores de linhas e criação de novos pontos e motivos. Como caracterização da produção artesanal observa-se também que as artesãs e seu fazer estão inseridos num contexto cultural que, por sua vez, influencia essa produção: A comunidade é um pouco isolada e poucas são as oportunidades de comercialização das peças, restringindo-se a feiras e vendas a domicílio; durante a feitura da renda as artesãs cantam versos tradicionais que aprenderam com seus antepassados e muitas das peças produzidas têm motivos cristãos, expressão da religiosidade local.

A produção das rendas Renascença e Irlandesa também se insere no conceito de artesanato tradicional trazido por Mascêne e Tedeschi (2010), pois seu fazer está incorporado à vida cotidiana das rendeiras, é depositório de um passado tradicional que



acompanha tradições culturais e religiosas e distancia-se da produção capitalista pelo ritmo de produção.

Por meio dos dados encontrados nas entrevistas foi possível perceber que as rendeiras não têm informação sobre metodologias de gestão do conhecimento e não desenvolvem um método estruturado para preservação e disseminação dos seus conhecimentos a respeito do modo de fazer, dos pontos e debuxos da renda, mas que de modo informal aplicam os conceitos de socialização ao estabelecer relações de conhecimento tácito para conhecimento tácito nas explicações, ensino de novos pontos e na troca de modelos e debuxos. Também se percebeu a aplicação do conceito de internalização, quando as rendeiras consultam livros e publicações para ampliarem seu conhecimento. Nesse momento é feita uma conversão do conhecimento explícito para o tácito, ou seja, as novas informações decodificadas modificam a prática das artesãs.

Sobre os desafios e perspectivas das entidades, nota-se que é comum a falta de mercados e formas de comercialização, para geração de renda e para atrair as novas gerações para o trabalho.

Diante do exposto entende-se que seja coerente e necessário o desenvolvimento de uma metodologia de gestão do conhecimento que propicie o registro da técnica da Renda Irlandesa, seus modos de fazer, pontos, modelos e debuxos para facilitar a transmissão desse conhecimento às novas gerações, como também a ampliação de conhecimento entre as rendeiras.

Referências

DAVENPORT, Thomas H; PRUSAK, Laurence. **Conhecimento Empresarial**: Como as organizações gerenciam o seu capital intelectual. 9. Ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

KROUGH, G.; ICHIJO, K.; NONAKA, I. **Facilitando a Criação do Conhecimento**: reinventando a organização com poder de inovação contínua. São Paulo: Campus, 2001.

FIGUEIREDO, Wilmara; ZACCHI, Marina. **Divina Pastora: Caminhos da Renda Irlandesa**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2013.



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Modo de Fazer Renda Irlandesa tendo como Referência o Ofício em Divina Pastora**. Brasília: IPHAN, 2014.

MASCÊNE, Durcelice Cândida; TEDESCHI, Maurício. **Termo de Referência: Atuação do Sistema SEBRAE no Artesanato**. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://intranet.df.sebrae.com.br/download/uam/Pesquisa/Artesanato/Termo%20de%20Referencia%20Artesanato%202010.pdf>> Acesso em: 10 nov.2018.

MELLO, Janaína Cardoso de; SILVA, Stefanni Patrícia Santos. **Artesanato de Renda Irlandesa em Sergipe: Histórias de Vida, Histórias de Ofício**. Revista História, Histórias- Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UNB. Brasília, Vol.2, nº 4, 2014. Disponível em: file:///C:/Users/00062427075/Downloads/11238-43044-2-PB.pdf. Acesso em 07 out. 2018

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **Gestão do Conhecimento**. Porto Alegre: Bookman, 2008.

PROGRAMA DO ARTESANATO BRASILEIRO. **Base Conceitual do Artesanato Brasileiro**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, 2012. Disponível em: <<https://manosdeartesano.files.wordpress.com/2013/06/base-conceptual-del-artesano-brasileiro.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

ROSSATTO, Maria Antonieta. **Gestão do Conhecimento: A Busca da Humanização, Transparência, Socialização e Valorização do Intangível**. Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

SILVEIRA, Icléia. **Um Modelo para Capacitação dos Instrutores do Sistema CAD para Vestuário e dos Modelistas, com Foco na Gestão do Conhecimento**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Design. Universidade PUC-Rio-Departamento de Artes e Design, Rio de Janeiro, 2011.

TERRA, José Cláudio Cyrineu. **Gestão do conhecimento: O grande desafio empresarial**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.